

REFLEXÕES SOBRE AUTENTICIDADE NO TEXTO *SÓ MAIS UMA COISA*, DE PAOLA CAROSELLA, POR UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

pg 20-31

Luciana Gomide Vieira¹

Mariana Ramalho Procópio Xavier²

Resumo

A partir de discussões acerca da sociedade midiaticizada e dos mal-estares contemporâneos apontados pelo filósofo Charles Taylor (2011a, 2011b), este trabalho tem como objetivo a identificação de traços de autenticidade na obra *Todas as sextas*, de Paola Carosella. Por meio de uma análise discursiva ancorada em preceitos da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (2016, 2010, 20005), procuramos compreender como as estratégias discursivas empregadas, notadamente as de credibilidade, captação e legitimidade, podem sinalizar marcas de autenticidade na narrativa da chef de cozinha.

Palavras-chave: Autenticidade, Mídiação, Culinária, Reconhecimento.

REFLECTIONS ON AUTHENTICITY ON THE TEXT *SÓ MAIS UMA COISA*, BY PAOLA CAROSELLA, FOR A DISCURSIVE PERSPECTIVE

Abstract

Based on discussions about the mediated society and modernity malaise pointed out by the philosopher Charles Taylor (2011a, 2011b), this paper aims to identify traits of authenticity on the book *Todas as sextas*, by Paola Carosella. Through a discursive analysis anchored in the precepts of Patrick Charaudeau's Semi-linguistic Theory (2016, 2010, 20005), we seek to understand how the discursive strategies employed, notably those of credibility, capture and legitimacy, can signal authenticity in the chef's narrative.

Keywords: Authenticity, Mediatization, Culinary, Recognition.

Introdução

Em sua obra *História da Alimentação no Brasil*, o historiador, folclorista e antropólogo brasileiro Luís da Câmara Cascudo escreve acerca das particularidades que atribuem valor identitário pátrio a uma receita culinária: “O prato nacional é, como o romanceiro nacional, um produto do gênio coletivo: ninguém o inventou e inventaram-no todos: vem-se ao mundo chorando por ele, e quando se deixa a pátria, lá longe,

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal de Viçosa. E-mail: lugomidevieira@gmail.com

² Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Viçosa. Doutorado em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: mariana.procopio@ufv.br

antes de pai e mãe, é a primeira coisa que lembra” (CASCUDO, 2004, p. 885). O prato nacional a que se refere o autor diz respeito à memória afetiva, mas, sobretudo, à identidade dos sujeitos, no que é significativo na singularidade dos indivíduos, ou no que diferencia os indivíduos entre si.

No âmbito culinário, a relação de um sujeito com o prato que é típico de um lugar, e não do outro, está atrelada também ao que tratamos, no senso comum, como autenticidade. Este prato citado por Cascudo, o primeiro a ser lembrado quando se está longe, é tomado como “o verdadeiro”, “o tradicional” ou “o autêntico” prato nacional. No universo culinário, o léxico “autenticidade” é geralmente associado à cozinha regional, típica de um lugar específico, seja de uma comunidade no interior do estado, por exemplo, seja de um país ou de um povo. O autêntico é também o que não se deixou influenciar por modismos e que preserva vínculos históricos e culturais.

Para além da origem geográfica da comida, *chefs* de cozinha compreendem o imbricamento entre autenticidade e identidade e, hoje, em meio à “explosão da exposição midiática da comida” (JACOB, 2013, p. 25), imprimir autenticidade em seus pratos culinários tem se mostrado uma preocupação, pois, se até pouco tempo atrás a cozinha era simplesmente o lugar de preparo do alimento, a coxia, o local de trabalho, um espaço restrito ao privado, na contemporaneidade vivemos a era da *gourmetização*³, na qual a gastronomia está em alta:

A gastronomia é puramente dotada de comunicabilidade e de visibilidade, levando as imagens por ela geradas a uma espetacularização em série, que expõe cada vez mais a gastronomia como modo de vivência contemporânea. Gastronomia e culinária, como linguagens que são, mediam relações culturais por meio dos resultados de sua produção em textos, que são receitas, pratos e mídias, por exemplo. (JACOB, 2013, p. 110)

3 O adjetivo francês “gourmet” tem o significado inicial de gastrônomo ou degustador de vinhos, mas vem sendo usado na gastronomia para se referir a todo alimento que tem algo de especial no preparo ou na utilização de produtos que o tornam diferenciado. Os excessos acabaram dando origem ao termo *gourmetização* na culinária.

Esse fato apontado por Jacob (*op. cit.*) pode estar ligado ao entendimento da culinária enquanto símbolo cultural e constituinte da identidade de uma nação, ou mesmo fazer parte da busca por um diferencial que possa ser agregado como valor de consumo, tornando-o, assim, autêntico. Segundo a pesquisadora, em uma sociedade midiaticizada, as pessoas se comunicam também com a imagem da comida e, assim sendo, a autenticidade adquire um significado maior, pois é preciso que, como valor, esteja identificada nestas imagens midiáticas compartilhadas socialmente.

Nesse panorama, *chefs* de cozinha conferem identidade a suas criações de diversas formas, seja por meio dos ingredientes usados, das técnicas de preparação do alimento, da tradição histórica, da origem familiar, etc. Da definição identitária, chega-se à autenticidade a partir da utilização de estratégias que observam valores de consumo contemporâneos. As próprias questões históricas, familiares, pessoais, afetivas, sustentáveis, entre outras, são valores que contribuem para reforçar essas marcas de autenticidade nos pratos desenvolvidos nas cozinhas dos *chefs*. Em uma busca rápida no Google com as palavras “chef de cozinha” e “autenticidade” encontramos resultados como “A tendência da gastronomia é a autenticidade”; “Na cozinha, autenticidade é a palavra de ordem”; “Busco na minha cozinha coerência e autenticidade (Roberta Sudbrack)”.

Interessa-nos, contudo, neste trabalho, problematizar a questão da autenticidade no contexto da gastronomia, especialmente compreendendo-a como marcador identitário dos sujeitos envolvidos neste campo. Para além de percebermos o discurso da autenticidade, como valor mercadológico no âmbito da gastronomia, vislumbramos discutir a relação entre autenticidade e identidade baseando-nos nas contribuições de Charles Taylor (2011a, 2011b), para quem, de forma sintética, a autenticidade

na contemporaneidade não deve ser percebida apenas por um viés expressivista atonômico e individualista, mas como inserido numa política de reconhecimento daquilo que valorizamos como bem comum, isto é, daquilo que valorizamos como imprescindível para a vida.

Como objeto de estudo, optamos por analisar a seção *Só mais uma coisa*, da obra *Todas as sextas*, de Paola Carosella, *chef* de cozinha argentina radicada em São Paulo. Reconhecida pela excelência em seu comando na cozinha do restaurante Arturito (SP), Paola é também famosa por participar como jurada do *reality show* culinário *MasterChef*, exibido semanalmente na TV Band. Em 2016, lançou o livro de cozinha *Todas as sextas*, no qual apresenta mais do que algumas receitas do *menu* executivo de seu restaurante: ela narra sua vida, o que confere ao livro valor biográfico.

Ainda como demarcação das matrizes teóricas significativas para este trabalho, situaremos nossa problematização no contexto da midiatização, conforme Braga (2012), e faremos uso das contribuições da Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2005, 2010, 2016) para a reflexão e operação metodológica sobre a linguagem, uma vez que ela, compreendida sob a perspectiva do discurso, é elemento central para discussões sobre identidade. Acreditamos que os atos de linguagem analisados sob uma perspectiva discursiva serão capazes de materializar e evidenciar a concepção tayloriana de autenticidade.

Relações tecnológicas, mal-estar contemporâneo e a busca por autenticidade

Como pensar em uma sociedade desconectada nos dias de hoje? A simples possibilidade de uma pane nas redes virtuais desencadeia um sentimento generalizado de angústia e ansiedade. Estar conectado

full time adquire um caráter de urgência para o sujeito, uma vez que por viver em uma sociedade na qual processos sociais são mediados, as problemáticas comunicacionais são fundantes em sua identidade. José Luiz Braga (2012) ressalta que os processos de midiatização atendem a uma demanda da sociedade contemporânea e são mobilizados por indivíduos e instituições de determinados modos, continuamente, de maneira que se adaptam ao ambiente a partir do qual são acionados. Assim, os processos de midiatização estão tão imbricados à vida social que continuam, mesmo quando nos encontramos distante das mídias.

No entanto, apesar deste processo intenso e contínuo, e da percepção de controle social exercido pelas mídias, Braga defende a agência dos indivíduos destacando a viabilidade de mobilização social. A diferença a ser considerada é que processos sociais que no passado ocorriam sem mediação, hoje são mediados:

Por diversas razões, já não se pode considerar “a mídia” como um corpo estranho na sociedade. Com a midiatização crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade. (BRAGA, 2012, p. 35)

Um exemplo de diversificação nos processos sociais ocorre no âmbito da culinária, posto que a comida está inserida na cultura e interfere na construção das práticas de uma sociedade, conforme defende Jacob sobre a mediatização da comida:

[...] a comida media relações entre pessoas, ou seja, estabelece vínculos entre quem consome e quem produz a comida, assim como media a relação entre quem cozinha e quem serve a comida, por exemplo. E mediatizada porque amplamente explorada em todos os meios de comunicação contemporâneos e até mesmo no seu próprio conteúdo. (JACOB, 2013, p. 25)

Jacob (2013) recorre ao alerta de Muniz Sodré sobre o impacto da midiatização no

vínculo entre os indivíduos e problematiza ao afirmar que a comida midiaticizada⁴, ou seja, as imagens da comida se comunicam mais com as pessoas da contemporaneidade do que a própria comida – consequência de uma sociedade mediada por tecnologias.

Diante desta nova formação social, vivemos em espaços altamente conectados onde o mundo “real” *off-line* e o mundo virtual *online* se entrelaçam. Com efeito, a supressão ou redução dessa (*off-line* X *online*) e de outras barreiras da comunicação, de natureza geográfica, temporal, social e cultural, é possível notar a influência de múltiplos fenômenos sociais na construção de si.

Tomamos como baliza a discussão realizada pelo filósofo canadense Charles Taylor (2011a) sobre autenticidade, compreendida como uma espécie de moralidade contemporânea. Para tanto, faz-se necessário compreendermos um pouco mais os conceitos taylorianos que sustentam essa argumentação.

De acordo com o filósofo, a moralidade é uma parte constitutiva da nossa existência, e não um critério obrigatório de definição do que vem a ser correto. A moralidade diz respeito à preocupação constante com o que é bom ser, ou seja, com aquilo que valorizamos como sendo o bem em nossa vida. Em *As fontes do self*, Taylor (2011b) explica que, para se compreender, o ser humano se ancora na moralidade, naquilo que considera como imprescindível para uma vida boa.

Durante muito tempo, as fontes morais nos foram determinadas por diversas instituições, tais como família, religião, escolas, etc. Todavia, a modernidade demarca um colapso dessas fontes tradicionais indicadoras

da moralidade. De um predomínio das regras externas, passamos para uma época em que qualquer influência externa que vislumbre a moldar o homem passa a ser questionada.

Na contemporaneidade, o indivíduo se depara com os mal-estares característicos de nossa época, como explica Taylor (2011a). Segundo este autor, o primeiro mal-estar da atualidade é o *individualismo*, conquista do sujeito contemporâneo que traz em si uma contradição: ao mesmo tempo em que favorece a liberdade ao desconectar o indivíduo de ordens superiores, pois os sujeitos se viam como parte de uma ordem cósmica maior, faz com que os mesmos percam também valores morais que davam sentido à vida. Como consequência, os sujeitos sofrem o processo de *desencantamento do mundo*, pois ao se centrarem em si mesmos passam a viver em função do Eu, não se preocupando com algo que vá além de sua própria existência, algo que os transcenda, que seja para o bem comum.

O segundo mal-estar é o predomínio da *razão instrumental*, e surge como consequência natural do desencantamento do mundo. Se o individualismo é a norma e não existe preocupação com valores que estejam relacionados ao bem coletivo, então os múltiplos campos, sejam políticos, ambientais, econômicos, educacionais e até mesmo as relações sociais, passam a ser avaliados a partir de seu custo-benefício. Questões relevantes que poderiam ser levadas em conta em uma tomada de decisão, por vezes não são nem consideradas. A praticidade racional prevalece sobre a moral e ética.

E se os sujeitos estão ocupados consigo mesmos, com seu entorno imediato (sua família, sua casa, seu trabalho, etc), não existe articulação e, principalmente, desejo (mais uma consequência do desencantamento do mundo) de participar do espaço público e influir nas decisões que interfiram na sociedade em que vivem. Este é terceiro mal-estar da modernidade e que pode, segundo o autor, contribuir para instauração do *despotismo brando*, um

4 Helena Jacob (2013) adota as concepções, no âmbito da gastronomia e da culinária, de que a *mediação* é o ato de estabelecer relações e processos de comunicação; a *mediatização* é o processo de conversão de algum elemento em mídia (quando receitas são compiladas na mídia livro de cozinha, por exemplo); e *mediatização* é processo interacional que envolve os meios de comunicação.

regime aparentemente democrático, mas onde as pessoas têm pouco controle.

É interessante apontar que a primeira edição deste livro foi escrita em 1992, ou seja, antes do advento das redes sociais. Os mal-estares se confirmam, embora essa desarticulação soe contraditória numa sociedade midiaticizada como a atual, onde a conexão entre centenas ou milhares de pessoas acontece rapidamente, e onde é possível que o cidadão tenha acesso a canais de comunicação governamentais, o que não acarreta necessariamente em participação efetiva nem em mobilização entre pares.

Apesar do cenário desanimador à primeira vista, Taylor (2011a) acredita que a resposta para os dilemas modernos está no próprio indivíduo, na sua capacidade de autorrealização, de construção identitária e, fundamentalmente, no comprometimento com a autenticidade, que é, pois, compreendida como um fim em si mesmo, uma forma de satisfação intrínseca ao homem. A autenticidade é um ideal válido quando se refere aos princípios éticos e valores morais verdadeiros que estão no interior dos sujeitos:

Ser fiel a mim significa ser fiel a minha própria originalidade, e isso é uma coisa que só eu posso articular e descobrir. Ao articular isso eu também me defino. Estou realizando uma potencialidade que é propriamente minha. Essa é a compreensão por trás do ideal moderno de autenticidade e dos objetivos de autorrealização e autossatisfação nos quais são usualmente expressos. Esse é o pano de fundo que confere força moral à cultura da autenticidade, incluindo suas formas mais degradadas, absurdas ou triviais. É o que dá sentido à ideia de ‘fazer suas próprias coisas’ ou ‘encontrar sua própria realização’. (TAYLOR, 2011a, p. 39).

Todavia, Taylor (2011a) argumenta que o ideal de autenticidade não deve ser compreendido apenas por um viés absolutista, de afirmação de individualidades. Uma vez que a autenticidade é percebida como fonte moral, é preciso nela encontrar os sentidos socialmente construídos,

para que, inclusive, possa se compreender a dinâmica do reconhecimento como fator interdependente da identidade.

Segundo Taylor (2011b), a construção de nossa identidade envolve um processo de reconhecimento de nós mesmos, através da autodefinição e da autenticidade. Nesse processo de definição identitária, o sujeito passa também a elencar os critérios para sua busca do bem, isto é, procura por fontes de moralidade, a partir de uma representação interna do mundo. Contudo, o processo de autodeterminação individual parte de estruturas socialmente estabelecidas, sendo aprimorado na interação com o outro, instaurando-se uma política de reconhecimento das identidades, estabelecida no espaço público. A relação entre identidade e reconhecimento funda-se no pressuposto que a vida humana tem um caráter fundamentalmente dialógico.

A perspectiva dialógica de construção identitária se sustenta também no dialogismo existente na linguagem. Como afirma Fiorin, “[...] o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado” (FIORIN, 2008, p. 24). Assim, podemos compreender que a linguagem é social por excelência e qualquer processo que a envolva também o é. Considerando dialogismo na linguagem por uma perspectiva bakhtiniana, podemos dizer que ele se fundamenta na interação verbal entre o enunciadador e o enunciatário, no espaço do texto; e na intertextualidade no interior do discurso. Isso significa dizer que a atividade de linguagem está sempre direcionada para o outro e que nenhum sujeito deve ser percebido como origem única e exclusiva do sentido: este é sempre construído contínuo e polifonicamente. (BAKHTIN, 1997)

Fazem-se presentes, assim, as dinâmicas de reconhecimento indispensáveis para a constituição da identidade, uma vez que, ao compartilhar uma

mesma linguagem, o sujeito tende a partilhar um mesmo sistema de valores e de representações reveladores do que se entende como autenticidade, em um processo analisado adiante neste estudo, a partir das estratégias discursivas da Teoria Semiolinguística.

As estratégias discursivas como indícios de autenticidade: análise da seção *Só mais uma coisa* na obra *Todas as Sextas*, de Paola Carosella

Para este artigo, adotamos como objeto de estudo uma seção do livro *Todas as Sextas*, de Paola Carosella. Trata-se de um livro de cozinha com 359 páginas organizadas em dois eixos temáticos principais. Primeiramente encontramos o eixo que prioriza a narrativa de vida, mais próxima da narrativa biográfica canônica. A obra inicia-se com o Prólogo onde a narradora explica a razão de aceitar a proposta para escrever um livro de cozinha: o desejo de contar sua história. A partir daí, temos uma narrativa que segue uma ordem cronológica contínua em inversão, uma vez que a história não se inicia com o nascimento da autora e sim com um relato sobre saudade, afeto e acolhimento – a relação sentimental da profissional com a cozinha, fruto de suas vivências. Após, vemos a história de sua família e toda a construção de seu percurso com a cozinha, seus universos de referência culinária, o encantamento com as avós nesse espaço, e depois sua própria trajetória profissional. É um espaço dedicado ao texto, à narrativa do eu.

Depois do eixo autobiográfico, seguem 94 receitas culinárias divididas nas seções *Receitas Básicas*, *Entradas*, *Pratos Principais* e *Sobremesas*. As receitas são registradas observando-se aspectos da estrutura clássica de textos instrucionais, com a divisão entre *ingredientes* e *modo de fazer*, mas sem essa titularização, e aparecem junto a relatos de

experiências de vida relacionadas às mesmas. São narrativas que complementam a receita, explicam sua importância na vida da autora, resgatam memórias afetivas e nos ajudam na compreensão da construção da identidade sociodiscursiva de Paola Carosella. Algumas receitas são acompanhadas por imagens fotográficas de autoria de Jason Lowe. São imagens, em sua maioria, dos pratos finalizados das receitas presentes no livro, mas também de ingredientes e de Paola. Depois das receitas, temos o índice, um texto do fotógrafo Lowe, os agradecimentos e a ficha técnica do livro.

Antes, porém, das seções dedicadas às receitas culinárias, temos um texto intitulado *Só mais uma coisa*, no qual Paola se posiciona em relação às receitas apresentadas no livro e em relação ao tipo de culinária que pratica: com foco nos detalhes, na valorização dos ingredientes, orgânicos sempre que possíveis, uma cozinha em conexão com a história e as pessoas. Apesar de ser uma espécie de prólogo das receitas, já que atua como ponte entre o que foi dito na parte da narrativa de vida e as receitas que virão a seguir, o texto é também sobre a autora, pois apresenta características da sua forma de atuação na cozinha e de sua personalidade.

É justamente sobre este texto que centraremos nossa análise, uma vez que o mesmo sintetiza o posicionamento da autora acerca de sua culinária e, assim, revela as marcas de autenticidade que buscamos em nosso estudo. Considerando os pressupostos de Taylor (2011b), ressaltamos que a autenticidade prevê que a autorrealização não se opera somente observando-se os próprios interesses, mas, também, considerando-se as relações externas a si mesmo. Ser autêntico não é submeter-se ao ideal moral do individualismo e tampouco submeter-se a própria autenticidade como um valor moral necessário – a autenticidade vincula-se à noção de identidade, que é aquilo que nos define e nos faz ser como somos e que, por sua vez, está atrelada à noção de reconhecimento.

Para o autor, ser fiel a mim é ser fiel aos meus valores originais, mas, para além de ser fiel a mim mesmo, é necessário reconhecer-me e ser reconhecido por tais valores. É preciso também que esses valores sejam defendidos e, como me pertencem, ao defendê-los, estou me defendendo, em um processo de autorreflexão, divulgação e autorrealização. Em busca de reconhecimento, os sujeitos necessitam comunicar sua autenticidade, estabelecendo o diálogo com enunciadores externos. Em nossas análises, eventos como marcadores linguísticos que indicam negação no texto, e que, ao negar algo já dito caracterizam o diálogo com um enunciador/enunciado externo, bem como a defesa de valores de origem familiar, que demonstram que tais valores têm lastros e que não surgiram por ser bem gastronômico desejável na atualidade, ou seja, não fazem parte de um modismo, serão considerados a partir das concepções de Taylor.

Além do texto *Só mais uma coisa*, eventualmente, fragmentos de outras seções poderão ser utilizados para complementar as análises propostas. Destacamos que, por se tratar de um livro que apresenta narrativa de vida e receitas culinárias *autorais*, consideramos que toda a obra, e não somente os momentos analisados neste trabalho, conforma-se em um espaço de narrativa onde sua autora demonstra autenticidade, apresentando o que há de significativo em sua história que a diferencia das demais (TAYLOR, 2011a).

Dentre os vários arcabouços teóricos e metodológicos existentes na área da Análise do Discurso (AD), a vertente utilizada para balizar este artigo é a Semiologia, fundada pelo linguista francês Patrick Charaudeau. Trata-se de uma teoria interdisciplinar onde a construção de conhecimento acontece pela linguagem e os efeitos de sentido são gerados pelo sujeito psicossocial e linguageiro a partir de um contexto e numa dinâmica sociocomunicativa.

Assim, temos um sujeito intencional com um projeto de ação social que realiza a semiotização do mundo através de um processo duplo (CHARAUDEAU, 2005): o sujeito falante transforma um “mundo a significar” em um “mundo significado”, que será compartilhado pelo sujeito destinatário através de processos interdependentes. A relação entre esses sujeitos comunicantes, portadores de identidade social e discursiva, ocorre segundo um contrato de comunicação que regula o ato de linguagem, que é intencional e realiza-se em determinado tempo e espaço, ou seja, em uma determinada situação de comunicação.

Neste ato de linguagem encontram-se os participantes do processo de comunicação (CHARAUDEAU, 2016): no espaço do fazer, externo ao ato, estão o EU comunicante (EUC), responsável pelo desenvolvimento do ato, e o TU interpretante (TUi); no espaço interno, o espaço do dizer, temos o EU enunciador (EUE) e o TU destinatário (TUD), protagonistas da enunciação. O EUC e o TUi são os seres psicossociais, enquanto o EUE e o TUD são suas representações linguageiras, sendo que o TUD é também a projeção do TUi para o EUC.

No caso de nosso objeto de estudo, depreendemos que o EUC, o produtor do discurso, é Paola Carosella, autora do livro, ser social e compósito, já que a obra passa pelo processo de edição, editoração e envolve outros atores, como o fotógrafo Jason Lowe. Ela também representa o EUE como renomada *chef* de cozinha, proprietária do restaurante Arturito e convidada para escrever o livro objeto desta análise. O TUD, considerado como destinatário ideal, é principalmente o público interessado na temática culinária, mas também pode ser o público interessado pela obra e vida desta autora em especial (fãs e admiradores), ou ainda entusiastas do gênero autobiografia. Finalmente, o TUi são aqueles que de fato leram a publicação, sendo ou não correspondentes ao TUD.

O sujeito comunicante, ciente das restrições da situação de comunicação, assume a dupla função de posicionar-se diante dos saberes e do outro através dos discursos e, para alcançar suas intenções e produzir os efeitos de sentido desejados, influenciando o interpretante de modo a persuadi-lo ou comovê-lo, utiliza-se de estratégias discursivas, respeitando-se o contrato comunicacional. O ato de linguagem é formado por um espaço de restrições, onde se observam sua finalidade, a identidade de seus participantes, as circunstâncias materiais de enunciação e o propósito comunicativo; e um espaço de estratégias, através do qual o sujeito emissor faz escolhas discursivas que revelam seu posicionamento com intenção de produzir efeitos sobre o sujeito receptor.

Segundo Charaudeau e Maingueneau (2016) e Charaudeau (2010), no espaço das estratégias temos três possíveis escolhas languageiras, que podem ser conscientes ou não:

- *estratégias de legitimação*, mobilizadas em função do EU, que ocorrem quando o sujeito enunciatador se vale de uma autoridade para dizer o que diz ou, quando necessário, busca a legitimidade diante de seu interlocutor;
- *estratégias de credibilidade*, relacionadas ao *ethos*, pois se trata da construção da imagem de si com o intuito de conquistar a credibilidade do parceiro da comunicação, apresentando seu discurso como verdadeiro e mobilizando-o em função do ELE. Para Charaudeau e Maingueneau (2016), o sujeito falante pode recorrer a três tipos de posicionamentos na construção de sua credibilidade: o de *neutralidade*, quando procura apagar qualquer traço de avaliação pessoal em seu enunciado; *engajamento*, quando ao contrário, posiciona-se com convicção no discurso; e *distanciamento*, ao analisar o tema sem envolvimento emocional;
- *estratégia de captação*, que busca atrair o interesse do interlocutor, ou mesmo ganhar sua opinião gerando efeito de *pathos*, através da

manipulação emocional do discurso, mobilizado em função do TU. O sujeito falante pode optar por duas atitudes para captar seu interlocutor, a *polêmica* e a *dramatização*.

Acreditamos que o emprego das estratégias discursivas supracitadas reflete os mecanismos de construção identitária que a enunciatadora Paola Carosella desenvolve em sua narrativa, com vistas à caracterização de um ideal de autenticidade. Assim, constatamos que, quanto à legitimação, a enunciatadora encontra-se em posição de autoridade pessoal para dizer o que diz, não havendo necessidade de buscar essa posição junto ao leitor (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016). Já a estratégia de credibilidade é a que se destaca ao longo do texto, em um discurso que demonstra posicionamento de engajamento da locutora frente às questões postas:

[...] Não sou dona de *técnicas diferenciadas* ou *estilos revolucionários*, mas gosto de fazer as coisas da melhor forma possível. Não posso ir além do meu talento – ele é meu limite. Mas posso ir além nos cuidados. A minha cozinha é delicada, cuidadosa. Nela, os *detalhes* são fundamentais. São, a meu ver, os *detalhes* que fazem a diferença em qualquer *receita*. Em qualquer *receita de cozinha*, em qualquer *receita de vida*, em qualquer *receita de relacionamento*. *Detalhes*. [...] *Sei, e dou fé*, que quase sempre o que estraga uma receita é a falta de cuidado nos *detalhes*. (CAROSELLA, 2016, p. 65) (grifos nossos).

Neste fragmento, quando nega *ser dona de técnicas diferenciadas* e de *estilos revolucionários*, concomitantemente ao reconhecimento de sua relação com outros significantes, a autora imprime autenticidade ao que faz diferenciando-se desses outros. É a contraposição da culinária autoral à reverenciada cultura gastronômica⁵. Observamos também o uso da estratégia de captação no enunciado *Não posso ir além de meu talento* que, para além de afirmar ao leitor que ela tem talento,

5 Em nossa pesquisa, adotamos a concepção de Atala e Dória (2008) de que culinária é o conjunto das técnicas de preparo de alimentos adaptadas pelos sujeitos de acordo com o meio ambiente em que vivem; gastronomia é a prática e o discurso estabelecidos a partir da culinária objetivando a potencialização de sabores e prazeres em torno da mesma.

transparece sinceridade no reconhecimento de seus limites. Carosella também demonstra autenticidade ao mostrar que não cede a demandas externas, que não se rende ao apelo dos estilos revolucionários, embora os reconheça, mas respeita os próprios anseios e convicções, indo ao encontro de Taylor quando este afirma que “A noção de cada um de nós possui uma maneira original de ser humano implica que devemos descobrir o que é sermos nós mesmos” (TAYLOR, 2011a, p. 68).

Adiante no texto, observamos a construção da identidade da autora quando esta destaca o que é importante para ela, o diferencial de sua cozinha: a preocupação com os *detalhes*, palavra que ela repete quatro vezes durante este trecho. O léxico integra o campo semântico do que é *característica particular de algum elemento* e, de certa forma, ao se relacionar com o que diferencia um elemento de outro, relaciona-se também com o conceito de autenticidade. Carosella imprime credibilidade quando se posiciona convictamente no discurso, demonstrando engajamento, ao dizer que seu diferencial, o cuidado com os detalhes, é uma fórmula de sucesso que vai além da *receita culinária*, e estende-se para a vida e o relacionamento. Ou seja, sua proposta de sucesso culinário demonstra-se tão eficiente, que transcende o espaço da cozinha.

A estratégia de credibilidade é notada também no enunciado *Sei, e dou fé*, no qual identificamos a busca pelo efeito de verdade por meio de uma asserção que se assemelha a validação empregada em discurso jurídico-contratual, o que ratifica a proposição feita. Além disso, a afirmação de autoridade evidencia-se na utilização do verbo *saber* flexionado na primeira pessoa, que aponta para um saber que ela detém e que remete a sua experiência profissional.

Outra forma de comprovar credibilidade, agora não pela experiência profissional, mas pela vivência, acontece quando os valores da autora imprimem autenticidade ao identificarmos que alimentos orgânicos já eram consumidos por ela em

sua infância, como vemos nas seguintes passagens que constam na seção *Todas as sextas* de seu livro:

Carrego os cheiros da minha infância: o molho de tomate fervendo na panela de ágata; as sementes de erva-doce; o aroma de azeite de oliva e farinha tostada dos pizzelle na hora do café; o café com licor de anis; o alecrim colhido na horta para o coelho assado. O perfume das camélias, de parmesão maturado, de uva fermentando, de vinho patero, aquele que se faz pisando as uvas com os pés em uma bacia de madeira. (CAROSELLA, 2016, p. 15) (grifos nossos).

Era sobre a mesa que minha avó colocava os raviólis depois de recheados, esticados sobre uma toalha bonita de linho branco; era onde eu e ela sentávamos para limpar caracóis e favas, para separar folhas de manjeriço, para enrolar o novelo de lã para os tecidos dela. Tudo acontecia nessa mesa de fórmica. Uma janela grande, em frente à mesa, dava para o jardim, para a horta, para o curral. (idem, p. 16 - 17)

Nos excertos acima, Carosella conta experiências vividas na casa de suas avós: no primeiro fragmento ela fala sobre a avó Maria, mãe de seu pai, e no segundo, descreve a casa de seus avós Mimi e Lino, pais de sua mãe. As duas avós cozinhavam muito bem e utilizavam ingredientes de qualidade, frescos, vindos do próprio quintal, o que confere a Paola experiência sobre o assunto, pois ela conhece ingredientes orgânicos, de qualidade, desde a infância, foi criada assim, é autêntico dela. Aqui, a autora expressa autenticidade sem se render ao subjetivismo, compartilhando ideais de organizações morais reconhecidas – alimentação saudável, caseira, a partir de estrutura familiar. Como são excertos que compõem os capítulos que antecedem o texto *Só mais uma coisa*, garantem a credibilidade de seu posicionamento nesse texto.

Em relação à estratégia de captação, vimos que ela encontra-se diluída no discurso, sua utilização se dá através da presença do interlocutor, no oferecimento de detalhes e no posicionamento da autora, assim como no uso de recursos com efeito de patemização, como vemos a seguir nos trechos em itálico:

As receitas que virão a seguir fizeram parte dos executivos de sexta do Arturito no ano de 2014. Algumas são complexas, como são as receitas de um restaurante. *Outras estão tão costuradas à minha história que acabam sendo um pouco longas.* Não se assuste se achá-las complicadas. Se quiser se aventurar na cozinha, comece pelas mais simples. Desejo que você possa apreender alguma coisa nas páginas que se seguem. (CAROSELLA, 2016, p. 65) (grifos nossos).

A patemização é uma forma de induzir o leitor a compartilhar seus posicionamentos utilizando-se da captação por meio de uma atitude de dramatização, apoiada no desejo de levar o interlocutor a dividir sua experiência pela emoção. No trecho *Outras estão tão costuradas à minha história que acabam sendo um pouco longas* vemos novamente a estratégia de conferir valor de autenticidade às receitas pelo saber e tradição que elas têm na vida da cozinheira.

Ao longo do capítulo *Só mais uma coisa*, a temática sobre ingredientes mostra-se fundamental para a cozinheira e é abordado pela narradora com destaque:

A palavra orgânico aparece como característica obrigatória em alguns ingredientes e em outros não, *me desculpe a falta de padrão.* Pelo menos em São Paulo alguns ingredientes orgânicos são acessíveis e outros nem sequer existem. Em um *mundo perfeito*, todos teríamos acesso a orgânicos, e haveria apenas *frangos felizes* (seriam somente felizes), e as *vacas seriam alimentadas no pasto*, e o leite seria tirado pelas mãos de um *cuidador amoroso* e não por máquinas, e os ovos seriam de *galinhas ciscando ao sol* e dormindo no escuro... [...] *Batalha* por uma conexão maior com o nosso alimento. Seja ele o que for. Um frango ou um quiabo. *Comer é um ato político.* Somente sabendo de onde vem a nossa comida, como ela é feita e o impacto que causa na nossa sociedade é que poderemos ser agentes ativos de algum tipo de mudança. (CAROSELLA, 2016, p. 6667).

No excerto acima, percebemos a preocupação da autora com a qualidade dos alimentos utilizados no preparo de suas receitas. Mais do que apreço pelo detalhe, aqui Paola posiciona-se politicamente frente ao tipo de culinária com a qual trabalha: orgânica, sustentável, de cuidado e respeito aos animais. Para além de trabalhar, ela *batalha* por essa culinária, e a batalha está relacionada à luta, enfrentamento. É uma palavra geralmente

relacionada ao universo masculino quando integrada ao contexto de guerra – e em sua trajetória nas cozinhas profissionais, a *chef* Carosella enfrentou muitas batalhas nestes espaços dominados por homens. Novamente a autenticidade se faz notar na busca por autorrealização sendo fiel a si mesma e aos seus valores sem, no entanto, desconectar-se do ambiente sociocultural onde está inserida, uma vez que não há autorrealização sem compartilhamento de valores e reconhecimento da autenticidade.

Atentamos para a estratégia de captação quando a narradora se dirige a seu interlocutor colocando-se em situação de inferioridade, desculpando-se pela falta de padrão ao solicitar alimentos orgânicos algumas vezes e outras, não. Logo em seguida, vemos que a falta de padrão não é de sua responsabilidade, justifica-se por não estarmos em um *mundo perfeito* e por nem todos terem acesso a alimentos orgânicos, de boa qualidade. Adjetivos do campo semântico de ordem sentimental como *felizes* e *amoroso*, associados, de alguma maneira, aos animais (aos frangos e ao cuidador das vacas, respectivamente) e imagens idílicas de vacas no pasto e galinhas ciscando ao sol, operam patemicamente na captação do leitor.

Sobre o posicionamento da autora a despeito de *comer é um ato político*, retomamos Taylor (2011a) em sua colocação sobre política de resistência, pois autenticidade, como já dissemos aqui, não se restringe ao *self*, a ser fiel somente a si sem se dar conta do externo. O senso de pertencimento e a identificação com sua comunidade possibilitam fortalecimento do ambiente democrático que, por sua vez, viabiliza a manifestação das identidades.

Identidades são dialógicas, constituem-se a partir de trocas comunicativas entre os indivíduos e, também, a partir do reconhecimento do outro. Não se sustenta uma identidade se esta não é reconhecida, e é a necessidade deste reconhecimento de sua forma original de ser que faz com que os indivíduos escapem do egoísmo, compreendido

como o ato de se ter uma vida excessivamente voltada para o *self*. Assim chegamos à autenticidade como uma forma de transcender o *self*, observando significados nos quais acreditamos que sujeitos ligados à sustentabilidade, alimentação saudável e família, como vemos na narrativa de Carosella. Além disso, é preciso considerar que, ao contar nossa história, somos o mesmo *self*, independente da época a que nos referimos, conforme afirma Camati: “o elemento que permite falar em unidade é a narrativa que possuímos de nossa história. Nossa vida é como que uma narrativa, ou uma busca na qual nós precisamos nos situar diante do bem, ou seja, temos de ler a nossa existência na história”. (CAMATI, 2014, p. 76) Em seu apontamento, o pesquisador retoma Taylor (2011b) ao dizer que somos a mesma pessoa no decorrer de nossa vida, porém em estágios diferentes, e o que dá unidade a nossa existência é a narrativa de nossa história.

Considerações finais

Conforme apresentado anteriormente, este trabalho foi realizado a partir do método de investigação qualitativo, com foco na investigação das marcas de autenticidade no objeto caracterizado como livro de cozinha e configurado em um espaço de narração de si. As análises se fundamentam no aporte teórico-metodológico da AD Semiolinguística, no que tange a identificação e tratamento dos atos de linguagem que materializam a busca pela autenticidade, compreendida aqui pela matriz teórica de Charles Taylor.

Após as análises, verificamos que a estratégia mais utilizada na seção *Só mais uma coisa* é a de credibilidade, o que contribui para que a

produtora do discurso afirme seu posicionamento de verdade em relação ao que diz, buscando este mesmo efeito junto ao leitor de seu livro. Como principal característica do discurso, observamos a preocupação em ressaltar suas qualidades: atenção aos detalhes, excelência na escolha dos ingredientes, experiência para fazer o que faz.

Através de elementos linguísticos e discursivos, percebemos as formas de demonstração de autenticidade em sua cozinha. A profissional Paola não se mostra adepta a modismos, usa *frangos felizes* porque cresceu comendo *frangos* criados dessa forma no quintal de seus avós; cozinha com alimentos orgânicos porque era isso que via nas hortas de sua infância e é disso que se alimenta; não quer inventar receitas mirabolantes, mas cuidará de cada detalhe do que faz, nem que isso demande muito tempo, coisa valiosa para os sujeitos contemporâneos.

A autenticidade se faz notar tanto nas estratégias de captação, quanto nas de credibilidade, além da de legitimação já estabelecida na autoridade que o sujeito enunciador possui. Ora identificamos autenticidade a partir do efeito de verdade, ora por meio da conquista do leitor pelo viés da emoção. Uma vez que a identidade se constitui também a partir da percepção do outro, a identidade é dialógica e precisa de reconhecimento, percebemos que a autenticidade calcada em um ideal moral, onde o indivíduo valoriza uma existência original que transcenda o *self*, está presente na narrativa da autora. Ao contar histórias do seu passado que justificam atitudes do presente, Carosella corrobora a concepção de Taylor (2011b) de que toda nossa história demonstra que carregamos a mesma essência ao longo da vida.

Referências

- ATALA, Alex; DÓRIA, Carlos Alberto. *Com unhas, dentes & cuca: prática culinária e papo cabeça ao alcance de todos*. São Paulo: Senac, 2008. 352 p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. Pour une psycho-sociologie de l'alimentation contemporaine. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 16 année, N. 5, 1961. p. 977-986. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1961_num_16_5_420772>. Acesso em: 01 novembro 2018.
- BRAGA, José Luís. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., e JACKS, N., (Orgs). *Mediação & mediação*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-52. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111302.pdf Acesso em: 01 novembro de 2018.
- CAMATI, Odair. *Autenticidade e reconhecimento em Charles Taylor*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2014.
- CAROSELLA, Paola. *Todas as sextas*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2016.
- CASCUDO, Luís da C. *História da Alimentação no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Global, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso: modos de organização*. Tradução coordenada por Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização”, In Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula (Orgs.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil*. Uberlândia: Edufu, 2010. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 01 novembro 2018.
- _____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L; GAVAZZI, S. (Orgs.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>> . Acesso em: 01 novembro 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2016.
- DEMETERCO, Solange M. S. *Sabor e saber: livros de cozinha, arte culinária e hábitos alimentares*. Curitiba 1902 - 1950. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- JACOB, Helena. *Gastronomia, culinária e mídia: estudo dos ambientes midiáticos e das linguagens da comida e da cozinha*. Tese de doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.
- TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. Trad. De Talyta Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2011a.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do self - a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011b.

Submissão: 01 de novembro de 2018.

Aceite: 08 de março de 2019.